

---

OKSALA, Johanna. **Como ler Foucault**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011, 141p.

## COMO LER FOUCAULT

HOW TO READ FOUCAULT

CÓMO LEER FOUCAULT

---

*Leandro Baller\**

**Palavras-chave:** Michel Foucault, liberdade, construção do pensamento.

**Keywords:** Michel Foucault, loose, construction of thought.

Johanna Oksala é pesquisadora do Departamento de Filosofia, História e Estudos Culturais e Artísticos da Universidade de Helsinque, Finlândia. Foi professora adjunta da Universidade de Dundee, na Escócia, e professora visitante do Departamento de Filosofia da New School for Social Research, Estados Unidos, é autora, entre outros títulos de "Foucault on Freedom".

Embora esta apresentação breve sobre a autora seja necessária, o foco central é a leitura de Foucault; esclareço de pronto que a intenção da resenha não é, nem possui o objetivo de resumir as idéias que a autora trabalha em relação a Foucault. Nem mesmo selecionar questões que o leitor menos atento possa conceber como algo dado e acabado acerca de suas passagens mais conhecidas ou discutidas. O que busco em conjunto com as idéias da autora é mostrar que o livro é uma orientação especializada para podermos compreender as questões que Foucault defendeu durante sua vida e no decorrer de suas obras. Tais questões aparecem de forma mais intensa no livro de Paul Veyne intitulado "Foucault: sua vida seu pensamento"<sup>1</sup>.

É importante lembrar, de início, que uma leitura de uma leitura é algo carregado de juízos por mais idiossincráticas que estas leituras se mostrem enquanto paradigmas no interior das ciências humanas. Existem várias leituras de Foucault, em que seus conceitos teóricos e metodológicos<sup>2</sup> são discutidos. Ao mesmo tempo em que percebo isso como um problema para quem procura fazer ciência<sup>3</sup>, é um ponto de estabelecimento de reflexões, seja do tempo, do espaço e dos fatos que estão sendo analisados.

Em relação ao livro ora resenhado é interessante perceber que a autora trabalha com divisões que chamaria até mesmo de pragmáticas para a compreensão da leitura de Foucault. Todavia, essas divisões são categorias de análise da obra de Foucault, estabelecidas pela autora e esclarecem sobre o conjunto da obra, bastante claras para deslindá-lo de seus conceitos essenciais. No sentido de apresentar o sumário do livro, a autora pontua; A liberdade da filosofia; Razão e loucura; A morte do homem; O anonimato da literatura; Da arqueologia a genealogia; A prisão; Sexualidade reprimida;

Um sexo verdadeiro; Poder político, racionalidade e crítica; e Práticas de si. Ao trabalharmos com temas na História, a leitura de outra leitura não se explica por meio de uma resenha, nem mesmo quando essa leitura é feita a partir do próprio autor da ideias, o que pode ocorrer ao tentarmos fazer uma identificação no interior da obra é desvirtuar os objetivos da autora da leitura, que não possui como intenção compreender a sociedade. Ao dizer que são trabalhados dez temas que formam um conjunto importante da teoria foucaultiana aos historiadores, sem deixar de observar outras influências de autores como Nietzsche, Derrida, Hegel, Deleuze, Jean-Paul Sartre, entre outros, que influenciam tanto na vida e obra de Foucault, como da própria autora do livro ora resenhado.

A estrutura do livro de Oksala pode ser compreendida como um aporte didático instrucional fundamental para o melhor entendimento dos pensamentos de Foucault. Elenca notas de suas leituras, com uma cronologia sintetizada da vida e obra de Foucault. Sugestões de leituras adicionais subdivididas entre: textos primários, biografias, coletâneas de artigos sobre Foucault. No Brasil há coletâneas publicadas, dossiês, referências gerais, e especificidades, tais como, sobre arqueologia, genealogia, governamentalidade, estudos de gênero e sexualidade, ética, alguns recursos da web que estão no livro. Ao todo a autora descreve nesse cabedal de referências cerca de setenta bibliografias, o número torna inviável apresentá-las aqui, e escolher algumas em detrimento de outras não parece contribuir para despertar o interesse da leitura do livro. Por fim, o índice remissivo completa o livro.

O contato com autores e especialistas em Foucault no Brasil, desde a tradução, até a revisão técnica aparece a todo momento. Recurso empregado como uma forma de aproximar a leitura dos estudantes brasileiros sobre Foucault, o que para nós é primordial, uma vez que muitas traduções ocupam-se com a literalidade das palavras, e não necessariamente em buscar o entendimento de outros idiomas em relação aos temas, teorias e métodos trabalhados no país. Esse cuidado da revisão faz parecer que estamos resenhando um texto escrito no Brasil, justamente por causa desses elementos que são direcionadores aqui no país e que não constam no livro em idioma inglês.

O conjunto temático dos capítulos do livro aqui resenhado oferece uma perspectiva relacional entre questões metodológicas e objetivas propostas por Foucault. Creio em grande medida que essa proposta é o meio que a autora encontrou para ligar da melhor forma possível as ideias do autor com o que nós necessitamos saber delas, tal questão demanda a própria hermenêutica de cada leitor. Ao denotar o campo das ideias foucaultianas não compreendo que há a necessidade de delimitar seus condicionantes, é a forma como Oksala escreve sobre Foucault. Uma vez que as ideias de Foucault não comportam qualquer espécie de blindagem de áreas de conhecimento e/ ou atuação.

Ao iniciar cada capítulo, a autora cita passagens dos mais importantes livros, conferências, ensaios e até mesmo de um panfleto. Percebemos aqui ditos e escritos de Foucault, para oferecer aos leitores um tema que sirva como um ponto de partida uniforme de compreensão a cada um, no sentido de mostrar que esse ponto possa levar o leitor a compreender suas explicações, como ocorre, por exemplo, com a genealogia. A genealogia para os historiadores está ocupando-se em datar temas que lhe serviram de instrumento de análise para a construção e a produção historiográfica, com um significado histórico num processo de desenvolvimento.

O texto de Oksala, no sentido de compreensão didática da apreensão do pensamento do autor com a flexibilização da leitura do leitor, fornece um cabedal original de ideais e propostas para que ele possa continuar suas leituras e descobertas. Nesse ínterim retomo a genealogia, para o historiador há uma necessidade em buscar a origem das questões que ele trabalha, de mostrar seu início, este método de pesquisa dá ao tema e ao historiador autonomia intelectual sobre o estudo, tirando-lhe das cômodas escrivaninhas e levando-o ao campo de pesquisa, para a partir daí formular seus conceitos.

A utilização das referências feita pela autora, não é novidade ao leitor atento às leituras de Foucault, uma vez que o próprio autor concebia seus livros como uma caixa de ferramentas em que os leitores pudessem se utilizar de suas ideias, passagens, formas de pensar para fomentar seus trabalhos.

Segundo Didier Eribon<sup>4</sup>, que lhes servissem como chaves, para provocar curtos circuitos naquilo que estava um tanto quanto petrificado ao olhar da História e da Filosofia. E que a sociedade via como um dogma, algo impossível de ser questionado de ter outra perspectiva, ou utilizando-me dos conceitos de Foucault, como fazer com que a descontinuidade florescesse em um ambiente já fechado?

A obra de Foucault, segundo Oksala depende do manejo que cada leitor faz ao utilizar seus conceitos, pois envolve análise, interpretação, e, sobretudo, o objetivo com que o leitor se debruça sobre suas definições. A descontinuidade para nós historiadores, por exemplo, é trabalhada no sentido de compreender as rupturas na história, uma leitura que não é fácil, uma vez que entre rupturas e permanências há uma sutileza histórica a ser interpretada e historicizada.

A multiplicidade dos conceitos de Foucault, tais como aparecem na descrição anterior, fazem do livro de Oksala um fio condutor para compreendermos suas análises e especialmente, as práticas sociais e a história do presente. Um conteúdo abrangente, múltiplo e que é permeado de tensões pessoais internas ao seu modo de ver e se relacionar com a tradição filosófica.

Sua aproximação com a História provocou uma nova maneira de analisar a História e a Filosofia. Pode-se dizer que o seu pensamento não foi compreendido separado de sua vida, pois o autor desafia a classificação

sobre um tema, lançando novos olhares, como é o caso da loucura e a institucionalização científica de um discurso sobre a loucura. Ele se ocupou mais do que ninguém em sua época das questões que não possuem respostas definitivas, prontas e acabadas, como a sexualidade, a loucura, as prisões, e especialmente quando altera a noção de poder, para as relações de poder fora da intervenção exclusiva do Estado, havendo com isso a positivação dessas relações, uma vez que as relações de poder não se exercem sem resistência.

Ao questionar a filosofia dizendo que ela não é um acúmulo de saber, mas, sobretudo, deve ser um exercício crítico e que os próprios filósofos devem se questionar constantemente em relação às suas crenças e práticas. Por que não ler Foucault? Um filósofo extraordinário, ativista político embora moderado, teórico social, crítico cultural e historiador. Desafiou as verdades dadas como o poder relegado ao Estado, a obrigatoriedade das práticas sociais, institucionais e experiências como a obediência da sociedade a este pseudo-poder sem resistir a ele, moldando a maneira de encarar as polêmicas às vezes postas em verdadeiras redomas dogmáticas, como a loucura e a criminalidade. Compreender as ferramentas conceituais de Foucault nos levando a reavaliar certezas, propondo novos pensamentos, especialmente com a positivação do poder e a percepção descontínua da história.

A descontinuidade que Foucault promove em seus estudos que a autora concentra sua atenção, mostra uma forma não convencional de pensar, propostas de risco à vivência humana, que provocam a estranheza no sentido de visualizar aspectos que pareciam dados e acabados. Esse rompimento com aquilo que percebemos como algo já solucionado não é o objeto e nem o objetivo que Foucault quer para ser analisado, quer essas novidades operando no interior do pensamento do homem e que faz dele não mais aquele sujeito cartesiano. Pensamos assim que para a autora, Foucault vem a quebrar os paradigmas de certo conservadorismo europeu que predominava na segunda metade do século XX. Oksala denota que a vida privada de um indivíduo, suas preferências sexuais e seu trabalho são inter-relacionados não por que sua obra traduza sua vida sexual, mas porque a obra inclui toda a vida tanto quanto o texto.

É importante notar que Foucault não se contentava em apresentar suas ideias e colocá-las em discussão apenas na Europa. Para ser mais direto neste sentido, Foucault esteve no Brasil várias vezes; nos períodos em que freqüentou o Brasil, foi seguido de perto por autoridades do regime ditatorial. Todavia, o autor contribuiu para a abertura de ideias e ideais por onde passou, desafiando universidades, intelectuais, estudantes e movimentos sociais a responderem questões que ele estava pondo em discussão na Europa, fazendo-lhes perceber por que estas discussões eram importantes também aqui no Brasil. Um exemplo é sua percepção e crítica ao modelo de governo do século XVI na Europa Ocidental, em detrimento com a noção de como não ser governado, essa é uma atitude crítica de Foucault tanto da

sociedade quanto do indivíduo, essa dimensão de amplitude histórica que ele teve é uma crítica.

Qualquer que seja o regime político nos países ele difundia seu conhecimento e no Brasil não foi diferente. Naturalmente um autor que escrevia sobre assuntos de certa forma considerados tabus, como é o caso da sexualidade, da loucura, de prisões, e, sobretudo, o poder, e o saber que age nesses temas. A liberdade não é um problema a ser discutido, uma vez que o intelectual tem como objetivo expor novos modos de pensamento exigindo e instigando a mudança, e ensejando maneiras alternativas de pensar. Foucault acaba sendo vigiado, pois o convencional não lhe interessava; a novidade, a descontinuidade das formas de pensar, agir, governar é o que interessa ao autor, questões que assustam os poderes estabelecidos, por que promovem a quebra daquilo que as próprias autoridades entendiam como dogmas na sociedade e no Estado.

Percebo no livro de Oksala, uma excelente leitura porque confere autoridade às perspectivas foucaultianas, com sua escrita direta e objetiva atinge um público vasto. E que penso ao que parece interessado para pensar os conturbados temas que Foucault propôs em suas pesquisas e análises, num momento em que a Europa e o mundo estavam pensando apenas em como se utilizar dos paradigmas que eram provindos da razão, na segunda metade do século XX, momento em que a historiografia do bicentenário da Revolução Francesa buscava impor seu requisito de racionalidade.

Foucault vai problematizar a fraternidade, a liberdade, e a igualdade mostrando aspectos discrepantes desses fatores, que vem a fazer frente a estas propostas que se mostram inesquecíveis aos pressupostos iluministas, mas que a seu olhar e sua reflexão esconde aspectos mais interessantes para serem pensados, como por exemplo, um momento em que todos pregavam os pressupostos de liberdade, igualdade e fraternidade, o autor percebeu o surgimento das prisões, da criminalidade e da loucura na França enquanto um perigo para a sociedade. Especialmente a condição humana naquele contexto de Revolução e no próprio momento de sua vivência, elaborando de maneira muito inteligível a analogia entre os dois períodos.

## Notas

\* Doutorando em História pela Universidade Federal de Grande Dourados. Docente e coordenador do curso de História da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. E-mail: leandro.baller@ufms.br

<sup>1</sup> VEYNE, Paul. **Foucault**: seu pensamento, sua pessoa. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

<sup>2</sup> Embora reconheça por minhas leituras e trabalhos de Foucault que o autor jamais afirmou ter criado ou formulado um método.

<sup>3</sup> Ao denotar a produção científica estou inserindo a História e a Historiografia no campo das ciências, que é o seu local de atuação. Por outro lado a necessidade de deixar esta questão em aberto se dá por que Foucault não escreve especificamente

para historiadores, da mesma forma denoto essa questão ao livro de Oksala.

<sup>4</sup> ERIBON, Didier. **Michel Foucault**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

Recebido em: janeiro de 2013.

Aprovado em: junho de 2013.